

Inclusão Digital e Fotografia: Apropriações e utilizações dos equipamentos de captação da imagem

Daniel Meirinho de Souza*

Índice

Introdução	2
1 Enquadramento teórico	3
2 Orientações metodológicas	6
3 Apropriações e utilizações dos equipamentos fotográficos	8
Conclusões	14
Bibliografia	15

captação imagética na utilização e captação da fotografia gerada pelos telemóveis como ferramenta digital, as suas especificações e características, e a relação que a fotografia possui com a memória e o registo, enquanto função social.

Palavras-chave: Fotografia, Inclusão Digital, Telemóveis

Resumo

O objecto deste artigo parte das relações criadas entre os indivíduos e as tecnologias digitais de captação fotográfica. Desenvolvemos um entendimento sobre os avanços, as transformações e a popularização que a fotografia tem vindo a sofrer, até chegar a uma alargada acessibilidade. Com base nos dados recolhidos a partir de uma amostra sistemática de entrevistas realizadas por investigadores de Lisboa, Coimbra e Porto, para o Projecto Inclusão e Participação Digital, esta análise procura compreender as apropriações e utilizações dadas à imagem fotográfica e aos equipamentos de

*Investigador da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) - Universidade Nova de Lisboa (UNL) e do Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ)

Abstract

This article deals with the relationships between individuals and digital technologies of photographic capture. We develop an understanding about the progress, the transformations and popularization that photography has been suffering, until to reach a wider accessibility. Based on information collected from a systematic sample of interviews conducted by researchers from Lisbon, Coimbra and Porto, for Project Digital Inclusion and Participation, this analysis try to understand the appropriations and uses of the photographic image and equipments of image capture in the use and collection of photography generated by mobile phones like digital tool, its features and specifications, and the relationship that photography has with the memory and registry as a social function.

Keywords: Photography, Digital Inclusion, Mobile Phones

Introdução

O “fosso digital” em que se encontram algumas parcelas sociais passa a intensificar-se como objecto de interesse político e académico a partir da década de 90 (Selwyn, 2006). No início do século XXI, alguns entusiastas tecnológicos (Strover, 2003; Compaine, 2001) declaravam a exclusão digital como vencida, ou pelo menos em vias de extinção. No entanto, a equidade de acesso ainda está longe de ser alcançada. São gritantes as desigualdades criadas pela tecnologia, sendo esta uma barreira limitadora entre os que estão imersos no conhecimento e os que se encontram excluídos. É possível crer que os alicerces para a compreensão do “fosso digital” passam pelo entendimento entre inclusão e exclusão digital e o seu grau de correlação com a exclusão social. Jung (2001), na sua pesquisa, ressalta que a exclusão digital pode ser apenas uma característica superficial, que mascara as desigualdades sociais mais importantes. Entendemos que a partir da condição de acesso poderemos obter uma das diversas variáveis que condicionam a compreensão, de forma mais analítica, das problemáticas de desigualdade e “marginalidade” social.

O objecto deste trabalho parte das relações criadas entre os indivíduos e as tecnologias digitais de captação fotográfica. Desenvolvemos um entendimento sobre os avanços, as transformações e a popularização que a fotografia tem vindo a sofrer, até chegar a uma alargada acessibilidade. O seu baixo custo, as melhores condições para aquisição de equipamentos, bem como a sua agregação a outros aparelhos como telemóveis e PDAs, mostram a

função híbrida que a fotografia tem vindo a assumir no campo tecnológico. A fotografia digital, hoje, apresenta mudanças radicais através da imediata visualização da imagem, dos menores custos de produção, além de uma grande facilidade em manipular, editar e difundir a imagem. Em poucas palavras, a fotografia ganha um novo suporte que a populariza e a torna mais presente na vida quotidiana das pessoas.

Com base no levantamento de dados recolhidos a partir de uma amostra sistemática de entrevistas realizadas por investigadores de Lisboa, Coimbra e Porto, para o Projecto de investigação Inclusão e Participação Digital¹, esta análise procura compreender as apropriações e utilidades dadas à imagem fotográfica e aos equipamentos de captação imagética por parte dos indivíduos entrevistados, incluindo a utilização e captação da fotografia gerada pelos telemóveis como ferramenta digital, as suas especificações e características, e a relação que a fotografia possui com a memória e o registo, enquanto função social.

Este artigo é constituído por um enquadramento teórico, no sentido de identificar qual o ponto de situação referente às pesquisas nas áreas da fotografia e inclusão digital. Uma reflexão teórica fundamentada serve como bases estruturais para a análise empírica. As orientações metodológicas são

¹ O Projecto *Inclusão e participação digital. Comparação de trajectórias de uso de meios digitais por diferentes grupos sociais em Portugal e nos Estados Unidos* decorre do Programa UTAustin|Portugal, através de uma parceria entre as Universidades de Austin, Nova de Lisboa e do Porto (ref^a UTAustin|Portugal/CD/016/2008. É coordenado por Cristina Ponte (FCSH-UNL), José Azevedo (FLUP) e Joseph Straubhaar (UTA)

os pontos norteadores para traduzir as motivações que levaram ao propósito deste trabalho.

1 Enquadramento teórico

1.1 A fotografia como ferramenta tecnológica

É pelo facto de a sociedade actual se encontrar em contacto directo com algumas tecnologias que propomos analisar as transformações e influências de uma, em específico: a fotografia. Partimos do pressuposto de que, com os avanços tecnológicos no campo imagem fotográfica, esta se torna parte integrante das relações interpessoais, pois nela estão eternizados recortes de momentos que não se poderão repetir, existencialmente.

A partir do instante em que a fotografia é analisada como uma tecnologia, através da sua popularização, a imagem fotográfica torna-se uma influência crescente nas relações com pessoas, objectos, conhecimento e a imaginação de cada indivíduo. É verdade que tal situação pode ser observada com a pintura, antes do surgimento da *daguerreotipia*², no século XIX. Entretanto, nunca seria tão divulgada e acessível como na era digital. O facto é que a imagem fotográfica tem vindo a passar por uma trans-

² O daguerreótipo é uma das primeiras formas de reprodução fotográfica. Deve o nome ao seu inventor, Louis Daguerre, que descreveu pela primeira vez a técnica do daguerreótipo em 1839. No séc. XIX, os daguerreótipos foram muito usados, especialmente para retratos.

formação radical na sua função social na vida quotidiana (Bourdieu, 1965).

1.2 As transformações referentes à função social da fotografia

A fotografia transgride o poder temporal e simbólico e assume um papel de representação de momentos, lugares, objectos e lembranças de bons tempos. Carole Rivière (2006) apresenta ideias distintas quando afirma que a função da fotografia, particularmente a de registo familiar, não desaparece com avanços tecnológicos, mas se altera. Sobre a sua função, assume que “têm gradualmente alargado a prática de situações fotográficas cada vez mais diversificadas, profanado o seu uso, até agora reservado para momentos excepcionais” (Rivière, 2006: 120). Van House (2005) confirma a teoria quando diz que “com uma câmara sempre disponível e com fácil visualização e partilha de fotografias, as pessoas têm encontrado novas formas de usar as imagens para suportar usos sociais. Formas estas não utilizadas anteriormente.” (Van House et al., 2005: 1856).

Um dos processos mais significativos de avanços e transformações que a fotografia viveu ao longo da sua história, mais ainda do que a invenção da Kodak por George Eastman³ ou a migração do analógico para o di-

³ George Eastman populariza a primeira câmara simples, de fácil manuseio, a milhares de consumidores. Nos anos que se seguiram, particularmente após o lançamento da câmara KODAK e dos métodos simplificados de Eastman, a captura de fotos popularizou-se, com centenas de milhares de amadores.

gital, tem sido a associação da fotografia ao telemóvel. Tal situação pode ser verificada pela relação de extensão do corpo e situação de domesticação e dependência que os telefones móveis assumem na sociedade actual. A função de obtenção da imagem fotográfica pelo dispositivo telefónico concretiza o sonho de uma câmara portátil, que qualquer pessoa pode levar para qualquer lugar, mas que não apresente apenas um único recurso: a de captação fotográfica. Os indivíduos que precisavam de carregar um equipamento fotográfico, ao sair de casa, agora estão munidos do aparato constantemente.

A popularização da colecção de imagens da vida quotidiana tornou-se realidade com a Kodak, em 1889. Com o slogan *You press the button, we do the rest*, Eastman transformou o acto fotográfico num acto fácil, popular e sem necessidade de técnicas e conhecimentos mais avançados. No entanto, hoje em dia, segundo Rivière (2006), a imagem fotográfica alcançou um nível ainda maior de acesso e reprodução com as câmaras acopladas aos telemóveis. Desta forma, a popularidade dos equipamentos fotográficos, para captar momentos domésticos e habituais, atinge o seu apogeu. A autora vai mais além quando diz que “o ‘telefone móvel’ é o primeiro estado, a prótese da pessoa” (Rivière, 2006: 121). Assim, comenta que o telemóvel conduz a um efeito de banalização do acto de fotografar, permitindo às pessoas fazê-lo diariamente, a qualquer hora e de qualquer maneira.

Rivière (2006) aponta que a utilização da fotografia pelos telemóveis constitui uma mudança fundamental na função social da fotografia. A autora afirma ainda que as fotos ou vídeos captados pelos telefones não são produzidos para marcar a memória, para

imprimir ou guardar álbuns. Segundo esta académica, existem concepções distintas entre a fotografia tradicional e a gerada por telefone.

Esta divergência refere-se a que não se trata de eternizar o momento e recordar os laços sociais, mas de circular na rede, através dos envios rápidos e imediatos. É tocar com o outro, pela rede, ou mesmo mostrar directamente para quem está ao lado o “veja essa foto que fiz agora”, ou como diz Rob Shields: “olha! É nos 5 segundos atrás!”. O que importa, como explica Rivière, é marcar o presente banal e não os momentos especiais e solenes.

Barbara Scifo (2005) prefere observar este fenómeno de mudança através de um olhar sociológico. Para a autora, o acto de fotografar transformou-se com o telefone em algo lúdico e não banal. Uma essência quase mágica, onde acontece um jogo de capturar imagens e partilhar com amigos.

Estudos feitos no Japão, Finlândia, França e Itália (Koskinen, 2004; Kato, Okabe *et al.*, 2005; Rivière, 2005; Rouchy, 2005; Scifo, 2005; Goggin, 2006) mostram que a maior parte dos utilizadores de câmaras fotográficas pelos telemóveis não fazem, ou não se preocupam em fazer, um *backup* do material visual produzido. Os utilizadores enviam as fotografias a amigos ou usam-nas como fundo de ecrã do aparelho, sem a preocupação de guardar estas imagens como memória. Neste caso, a difusão imagética é feita de forma diferenciada daquela usual de arquivar as imagens em álbuns.

Tomamos como exemplo um dos diversos estudos publicados sobre a utilização e função da imagem fotográfica gerada por telemóveis. Uma pesquisa feita em 2003, no Japão, com jovens e adolescentes aponta que

as fotografias digitais captadas pelos telefones móveis faziam parte de um processo de socialização e eram compartilhadas, apenas, com as pessoas mais íntimas do círculo de amizades. Okabe (2004) diferencia estas das obtidas por uma câmara fotográfica tradicional. Através do estudo, o investigador observa que as imagens num telemóvel são de curta duração e mais efémeras. Podem ser tiradas para partilhar um momento com alguém e depois serem apagadas. Situação contrária é registada com fotografias feitas com uma câmara fotográfica, por exemplo, de turista ou profissional, onde as imagens são feitas com a finalidade de serem arquivadas. “Os telefones com câmara alteram a definição de que a fotografia é especial e duradoura, para transitórias e ordinárias” (Van House et al., 2005: 1854).

Scifo (2005), no seu estudo, apresenta uma visão distinta. Para a investigadora italiana, as fotografias geradas por telefone não apresentam o carácter de curta duração, mas continuam a ter a função de registo. O dispositivo telefónico até potencializa o acesso ao arquivo. “A câmara do telefone também funciona bem como um arquivo fotográfico de memórias, um arquivo dentro dos telemóveis de fácil alcance. Algo para olhar repetidamente” (Scifo, 2005: 365).

Apesar de a investigação de Okabe ter sido desenvolvida há sete anos – muito tempo quando falamos de inovações e domesticação tecnológica – e no Japão, que apresenta um contexto social, económico e cultural bastante diferenciado, não sendo possível uma comparação directa com a pesquisa proposta neste artigo, é importante perceber que os indivíduos estão a utilizar a convergência digital dos telemóveis nas suas relações sociais. Mesmo os jovens japone-

ses, no estudo *Uses and Possibilities of the Keitai Camera*, assim como os nossos entrevistados, ao partilharem fotografias de algum acontecimento do dia, passam a interagir com seus familiares e amigos através das imagens captadas.

A partir da sua funcionalidade como registo do real, a imagem fotográfica assume uma função social de tornar eternos os momentos, sejam estes de reunião social ou familiar, pela captação de momentos solenes e para reforçar a integração do grupo familiar. Existe claramente a intenção do registo que reforçará a memória através do arquivo, no que Bourdieu (1965) chamava de “verdade da lembrança” e Barthes (1980) de “ratificação do passado”. A prática também requiritava o momento solene, o tempo de revelação do filme e a documentação em álbuns. É com o regresso ao álbum, dos momentos familiares (volta ao passado), que a fotografia consegue reforçar a memória individual e colectiva.

1.3 Fotografia e memória

Com a evolução dos processos e a popularização da fotografia, os retratos em família passam a ser produzidos sem a presença de um profissional, permitindo que os familiares produzam as suas fotografias e os seus álbuns, perpetuando assim, mais eficazmente, uma memória secular. Bourdieu (1965) evidencia o significado do “álbum de família”, quando afirma:

“A galeria de retratos democratizou-se e cada família tem, na pessoa do seu chefe, o

seu retratista. Fotografar as suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem dos que foram... O álbum de família exprime a verdade da recordação social. (Bourdieu, 1965: 53-54).

Para fundamentarmos melhor a função que a fotografia possui como objecto de memória, partimos do pressuposto de que a fotografia apresenta e representa um real reproduzido de um determinado recorte do tempo e do espaço. Se constatarmos que a imagem fotográfica é a revelação de um olhar que observa um determinado momento histórico, pode ser apresentada como realizadora da construção e produção da memória, sendo essa representada pela imagem. A reconstituição, seja de recordação pessoal ou histórica, irá sempre provocar um processo de (re)criação de realidades.

Historicamente, a fotografia passa a ser o suporte ideológico para uma representação “perfeita” do real que o homem moderno perseguia desde a Antiguidade. Esta imagem transforma-se num elemento referencial da acção, caracterizando uma lembrança provocada pelo olhar que vê e uma síntese da memória pessoal de cada indivíduo. A partir dessa lembrança, são construídas redes de significados precisos que singularizam a rememoração pelo acto emocionado. Esta provoca no observador, a partir da cumplicidade estabelecida entre o observador e a imagem, a sensação de que aquele momento já não existe, mas que é permanente na realidade da fotografia.

Segundo Pollak (1992), a memória é constituída por acontecimentos, por pessoas/personagens e por lugares. “Existem

lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico” (Pollak, 1992: 2).

Dubois (1984) afirma ainda que “a memória é feita de fotografias” (Dubois, 1984: 314-317), sendo a imagem fotográfica, portanto, uma das formas modernas que melhor encarna o prolongamento das artes da memória. Dubois salienta também que a memória pode ser entendida como uma máquina, feita de câmara (os lugares) e de revelações (as imagens).

O facto é que a fotografia historicamente foi – e continua a ser – um fenómeno que revolucionou a memória, a sociedade da época e o pensamento moderno. A concepção e visão de mundo alteraram-se a partir do seu advento com a sua chamada visão imparcial, precisa, metódica, inequívoca, que muito contribuiu nos campos da evolução tecnológica, informativa, dedutiva, historiadora, do campo social.

Este é o grande valor pertencente à fotografia. Com razão, Le Goff (2003) afirma que esta “revolucionou a memória” pois, de imediato, a fotografia pode activar a memória, falar sobre um passado, permitir revivê-lo no presente, mesmo não sendo pertencente ao indivíduo que a observa, mesmo não sendo até a rememoração de seu passado.

2 Orientações metodológicas

Com a finalidade de tentar esclarecer algumas questões que rondam a fotografia e com base nos enquadramentos propostos relativa-

mente à sua função social e a relação criada com os seus utilizadores, sugerimos algumas questões para análise.

1. Para quem fotografa, existem diferenças entre captar uma realidade a partir de dispositivos distintos?
2. É possível afirmar que a fotografia está a passar por uma transformação da sua função social com a migração para o digital?
3. A fotografia promove laços familiares e de integração social? Se sim, existe uma relação entre a imagem fotográfica, as recordações e lembranças das pessoas?
4. O que muda com as tecnologias digitais de captação da imagem fotográfica? Quais são as variáveis que marcam as relações de apropriação entre os indivíduos e a fotografia?

Como suporte para responder a estas questões, procuramos uma análise mais detalhada das entrevistas a 65 famílias residentes em Portugal, no âmbito do Projecto Inclusão e Participação Digital (2009-2011). Entre as problemáticas a serem trabalhadas pelo Projecto, estão questões voltadas para as desigualdades sociais traduzidas pelas disparidades de acesso e uso das tecnologias por diferentes indivíduos e famílias, tentando estabelecer uma reflexão nas condições, apropriações e naturezas desta utilização e participação.

As entrevistas semi-estruturadas foram desenvolvidas a partir de um questionário aplicado entre os meses de Novembro e Dezembro de 2009, nas cidades de Lisboa,

Porto e Coimbra. O guião do questionário foi estruturado em duas partes, sendo a primeira com questões voltadas para a história, vivências e trajectórias de vida dos entrevistados e uma segunda com perguntas relacionadas com as utilizações, apropriações, condições de acesso e uso dos media digitais. Foram inquiridos dois membros da mesma família de diferentes gerações. Identificamos o membro mais novo como “A” e o mais velho como “B”.

Após a realização das entrevistas, iniciamos a análise e leitura das mesmas. A partir da decomposição, foram cruzados os extractos sobre fotografia com as seguintes variáveis: sexo, idade/geração, estatuto socioeconómico, utilização e apropriação dos equipamentos fotográficos.

Apesar de o guião da entrevista conter apenas uma única questão directamente relacionada com fotografia do questionário: *Tem uma câmara fotográfica ou de filmar? O que costuma fazer habitualmente com ela? Quando era criança, a sua família também tinha estes equipamentos?*, existiam outras referências ao acto de fotografar.

Como algumas respostas apontam o uso dos telemóveis para a captação de fotografias, também achamos necessário incluir as três perguntas relativas ao tema. No entanto, só foram dissecadas as respostas em que os entrevistados comentavam a utilização de recursos fotográficos nos seus telefones móveis. Entre elas estão: *Tem telemóvel? Que tipo de telemóvel possui, que características tem? Que tipo de utilização lhe costuma dar? E em relação à sua família, quem foi a primeira pessoa na família a ter um telemóvel? (no caso de ser imigrante) Usa o telemóvel para contactar a*

sua família e amigos? Que outros meios usa para contactar a sua família?

A partir deste contexto, e com estes dados disponíveis para análise, fez-se uma observação analítica com a finalidade de tentar entender as relações existentes entre os entrevistados e a imagem fotográfica. Neste caso, chamaram-nos a atenção as respostas referentes a fotografias obtidas pelos telemóveis e de que forma esse suporte visual é utilizado como objecto de memória.

3 Apropriações e utilizações dos equipamentos fotográficos

Os entrevistados, quando questionados se o equipamento fotográfico ou de filmar estava presente nas suas infâncias, respondem sempre com um saudosismo de um passado que já se foi, mas continua a ser imortalizado graças aos registos fotográficos. Esta é a relação presente entre a fotografia, a lembrança e as memórias de cada indivíduo. Observamos que igualmente os entrevistados, independentemente do seu estatuto socioeconómico, género e geração, comentam que possuem registos fotográficos arquivados.

Ao tentar-se fazer um perfil básico dos entrevistados, visualizamos que os que possuem menor utilização de dispositivos fotográficos são homens, acima dos 45 anos, com baixa escolaridade. Nestes, as câmaras estão sob encargo, normalmente, dos filhos, netos ou esposa. No ponto referente ao género, os membros familiares do género feminino despontam como utilizadores frequentes dos dispositivos fotográficos. A questão da situação económica e social não

é, necessariamente, um empecilho para obter tais equipamentos. Isso deve-se ao facto de o mercado apresentar ofertas acessíveis. Assim, a condição socioeconómica da família pode ser uma variante importante, no que se refere à especificação e funcionalidades do equipamento, mas não à posse destes dispositivos.

3.1 A fotografia pelos telemóveis

Um facto notório, na leitura das entrevistas realizadas, é que quase metade dos entrevistados anunciam já não utilizarem as máquinas fotográficas enquanto aparelho de captação de imagem, sendo este equipamento substituído pela função de câmara fotográfica de alguns telemóveis.

“Hoje em dia, quem tem um bom telemóvel já não precisa de uma câmara. Eu tenho um telemóvel. Tem três *megapixels*. (...) o meu telemóvel faz fotografias de qualidade como uma máquina de três *megapixels* faz. Por isso é que eu não tenho câmara. Tenho lá uma câmara em casa, mas não a uso.”

15B, Segurança, 47 anos

Do total das entrevistas aplicadas, observamos que mais da metade dos inquiridos possui um telemóvel com o recurso de câmara fotográfica. Destes, quase metade afirmam utilizar a captação fotográfica através do aparelho, contra uma pequena parcela que declara não a usar. Os utilizadores das funções do dispositivo para fotografar são maioritariamente os membros da família mais jovens ou adultos até os 40 anos, com algumas poucas excepções.

As pessoas após os 40 anos mostram-se mais adversas a essas utilizações do seu aparelho de telefone móvel. Um atenuante deste comportamento pode ser proveniente do factor de ter acesso às tecnologias já em fase adulta, não crescendo com a mesma e mostrando assim pouco interesse pela tecnologia. Em certa entrevista, uma senhora de 42 anos, que diz fazer uso assíduo das tecnologias através do computador e da Internet, quando questionada sobre as funções do seu telemóvel, afirma que este apresenta recursos tecnológicos híbridos, mas utiliza-o para a função mais básica que ele proporciona.

“Sei que faz imensas coisas que eu não utilizo, estou a ficar velhinha e nunca utilizei. Sei que dá para gravar mp3, que tira foto, dá pra filmar, essas coisas. Essencialmente dá pra telefonar.(...) oh, faz isso, tem lá fotos, tem lá filmes, às vezes me pergunto, mas pra que isso?”.

30B, secretária 42 anos

Não existe uma grande diferença entre os utilizadores com maior ou menor grau de habilitações literárias. Assim como os que possuem mais ou menos capital cultural, ou até económico. Com a acessibilidade dos valores de aquisição de telemóveis com recursos múltiplos, mesmo os entrevistados com condições financeiras mais desfavoráveis conseguem adquirir um aparelho com, pelo menos, a função de câmara fotográfica

. Apesar de metade dos entrevistados afirmar não possuir mais câmaras fotográficas, mencionam fazer fotografias, na mesma, a partir dos seus aparelhos telefónicos. Alguns dizem que a maior parte das utilizações que

dão aos telemóveis é mesmo a de câmara fotográfica.

“Quando eu vou a algum lado, tiro uma fotografia para ficar como recordação. Tiro fotografias à minha família para ficar aqui guardado (...) e é essa a utilização do telemóvel.”

38A, homem estudante, 17 anos

“Hoje em dia, quem tem um bom telemóvel já não precisa de uma câmara”.

15B, segurança, 47 anos

Estudos nesta área, como os de Ling (2004), Castells (2007) e Goggin (2006), comprovam que as funções fotográficas, audição de música e envio de SMS estão na mesma proporção que a utilização básica do dispositivo, a de fazer ligações.

Enquanto a câmara apenas capta instantes festivos, determinados e pontuais, o telemóvel captura imagens do quotidiano, pois está sempre à mão. Esta análise reforça alguns estudos citados acima como os de Koskinen, 2004, Kato, Okabe *et al.*, 2005, Rivière, 2005, Rouchy, 2005, Scifo, 2005 e Goggin, 2006, que apontam para uma mudança na função social da fotografia. A partir das respostas apresentadas, é possível perceber as diferenças entre as fotografias tiradas pelas câmaras fotográficas e as captadas pelas câmaras incorporadas nos telefones. Esses usos e funções distintos são apontados no enquadramento teórico.

“Uma coisa quando eu acho ‘bacana’ é quando eu estou em algum lugar e me apetece de gravar aquela imagem e eu lembro que eu tenho telemóvel e isso, para mim, é uma das coisas que eu mais gosto da modernidade.”

10A, brasileiro imigrante e estafeta, 35 anos

e antes de eu nascer eles já tinham uma câmara”.

6A, formadora, 27 anos

3.2 Género e imagem

O grupo de entrevistados mais jovens e, especialmente, do sexo feminino comentam utilizar com mais frequência o recurso fotográfico dos seus telemóveis. Segundo trabalhos da historiadora brasileira Miriam Moreira Leite (2000), sobre “retratos de família”, e da antropóloga Myriam Lins de Barros (1989), sobre “álbuns de família”, as mulheres, dentro do grupo familiar e de amigos, assumem o papel de “guardiãs” das memórias familiares e dos seus grupos de relações. Desta forma, podemos dizer que, no aspecto do registo e memória fotográfica, é na adolescência que se inicia uma “carreira” de responsáveis pelas lembranças e recordações.

Nas entrevistas, também se observa a importância do papel da mãe como retratista e conservadora das lembranças familiares. À matriarca é confiada uma responsabilidade social de preocupação e acompanhamento do crescimento dos filhos, além da preservação, organização, catalogação das fotos e da memória fotográfica da família. Uma imigrante brasileira, que afirma fazer uso assíduo do computador e internet, confirma:

“A minha mãe era muito adepta a foto, sempre gostou muito e tínhamos muito mesmo. Também, com cinco filhos, não é?”

14B, esteticista, brasileira imigrante, 42 anos

“Eu adorava tirar fotografias. Antes de mim, a minha mãe adorava tirar fotografias,

Para Lins de Barros (1989) o guardião da memória “está referido à família quando constrói para si e para os familiares o perfil desse papel social. Não é uma motivação individualizada que leva o colecionador a procurar, investigar, encontrar e conservar seus bens preciosos. Ele está imbuído de um papel social que lhe confere o direito e também a obrigação de cuidar da memória do grupo familiar” (Lins de Barros, 1989: 38).

No entanto, é notório que esta função nem sempre foi de responsabilidade do membro feminino da família. Quando os entrevistados são questionados sobre se tinham equipamentos fotográficos na sua infância, referem-se sempre ao pai como o “fotógrafo”, ou pelo menos o detentor da câmara. Às mulheres, mães, era concebida apenas a responsabilidade de arquivar e manter as recordações guardadas. Um homem, com ensino superior e uso assíduo do computador e internet, diz:

“O meu pai sempre teve uma câmara e, quando saíamos, tirávamos fotografias e sempre tive isso em casa.”

23A, desempregado, 22 anos

É perceptível uma mudança nos papéis impostos socialmente a quem é determinada uma responsabilidade específica. Nas entrevistas, observamos que o género feminino da família é quem mais frequentemente assume a função de gerador e também conservador das recordações e memórias familiares.

3.3 Fotografia como objecto de memória

Um ponto observado na análise é como as fotografias servem de objectos de registo, memória e recordação de ocasiões e momentos especiais como festas, aniversários, férias. Alguns dizem que em momentos de encontros familiares tiravam muitas fotografias e estes são recordados, hoje, graças a este registo. Em certo momento, uma entrevistada, que diz fazer algum uso das tecnologias digitais, descreve:

“O meu pai tinha uma máquina fotográfica, mas nunca lhe dava muito uso (...) Temos montes, temos centenas de fotografias que o teu pai tirou”.

4A, escriturária, 35 anos

A partir das respostas dos entrevistados, é possível arriscarmos afirmar que tais momentos e memórias passam a não ser gravados nas suas lembranças e recordados se não houver um registo.

Uma entrevistada, com raro uso do computador e internet, quando questionada sobre como são as festas familiares, lembra que logo quando se coloca num momento “especial”, todos já questionam a participação e presença da máquina fotográfica para a geração do arquivo, que apresenta a função futura de rememoração e até afirmação de que dada ocasião existiu:

“É pá, a fotografia, é pá a máquina, é pá, vai lá buscar (...) É pá, passou o Ano Novo, nem tirámos uma fotografia...”.

4A, trabalhadora fabril, 41 anos

A pesquisadora Maria Inez Turazzi (1995) afirma que a fotografia é que credibiliza a veracidade e autenticidade do acontecimento, quando relata que: “A escola histórica filiada ao positivismo, ao transformar os suportes da memória colectiva em documentos com valor de “prova” do tempo passado na história das sociedades, converteu a fotografia – mesmo sem o pretender – em ‘testemunho’ por excelência da evolução do tempo” (Turazzi, 1995: 31).

Neste sentido, pode-se dizer que as possibilidades de lembrança dos momentos diminuem e podem ser apagados por completo das memórias individuais e colectivas caso não exista um registo para recordá-los. Uma senhora com 90 anos exhibe ao entrevistador as suas recordações a partir das fotografias emolduradas nos porta-retratos. Ela não possui uso assíduo das tecnologias e não menciona as fotografias geradas por telemóveis, muito menos por equipamentos de captação digital. Para a entrevistada, a imagem fotográfica ainda é algo “palpável” que merece um destaque na casa.

“Eu tenho fotografias de todas as maneiras. Olhe, a minha filha, a mãe da Susana, tem lá uma bem bonitinha (referindo-se as fotografias na mesa) num carrinho de bebé quando era pequenina.”

19A, doméstica, 90 anos

As fotografias são diversas vezes citadas pelos entrevistados como recordações de momentos “especiais”, mas na grande maioria das vezes, se não em todas, de ocasiões felizes e nunca tragédias e lembranças tristes. Assim, a imagem fotográfica assume o seu papel artístico e estético de captar o belo, e o seu papel psicossocial de ser uma

representação de momentos que “valem a pena ser guardados e lembrados”. Neste sentido, podemos entender que a memória é o que, na fotografia, fica registado, se materializa e se imortaliza. Em certa altura uma mulher, com uso assíduo da internet, comenta:

“A gente tirava fotos nos momentos mais importantes da família. Nesses encontros de aniversário e essas coisas. (...) sempre utilizei muito a máquina fotográfica. Durante o meu percurso na universidade. Tenho fotografias de quase todos os momentos: testes, aulas, jantares, estudo, noites de estudo...”.

37A, engenheira do ambiente, 35 anos

Os entrevistados dizem utilizar mais as câmaras fotográficas e câmaras vídeo em determinadas épocas sazonais, festivas e momentos que apresentam uma certa importância nas suas vidas, como Natal, aniversários, fim de ano, férias e verão. Uma jovem, em certa altura comenta:

“É mais para o verão, digamos que é mais memórias, que eu nunca vou esquecer, como este verão que nunca vou esquecer, porque tenho tudo gravado”.

43A, estudante, 15 anos

“Utilizo. Mas é mais no Verão. Assim, no Inverno usa-se quando é festas de anos ou Natal. Mas tirando isso, não se usa”.

8A, estudante, 16 anos

No entanto, uma análise merece ser comentada. Por mais que as fotografias que os entrevistados comentavam mencionassem

bons momentos, passa a ser impossível eliminar totalmente as experiências positivas e negativas que compõem os trajectos das suas vidas. Nesse sentido, mesmo os momentos felizes retratados e lembrados a partir das imagens podem remeter para memórias menos agradáveis, ainda que não tivessem por objectivo retratá-las.

3.4 O fim da colectividade do equipamento fotográfico

Bourdieu (1965) assinala que a câmara fotográfica é considerada a propriedade comum do grupo familiar. Esta acompanha as ocasiões referentes a este grupo, limitada a oportunidades de socialização deste grupo e alguns poucos objectos.

Uma característica observada em relação à utilização dos equipamentos fotográficos e de filmar é a de que, aos poucos, os dispositivos abandonam a sua particularidade de uso familiar para ser um objecto pessoal onde cada membro da família possui o seu. Alguns entrevistados dizem não possuir câmaras fotográficas, mas afirmam que os seus pais ou filhos as possuem. O mesmo entrevistado afirma já não precisar de câmara fotográfica, já que o telemóvel substitui as suas funções. Quando questionado pelo entrevistador se possui máquina fotográfica, afirma:

“Não tenho (...) o meu filho tem uma”.

15B, segurança, 47 anos

Já uma mulher, com uso assíduo do computador e internet, comprova que não é possuidora do seu equipamento próprio, mas faz utilização da máquina fotográfica dos seus

pais. Quando interrogada sobre o mesmo assunto, revela:

“Costumo usar uma emprestada que é da minha mãe, mas eu minha não tenho”.

19A, administrativa, 33 anos

“Temos 3 máquinas fotográficas, uma é minha outra é da minha irmã e outra é da minha mãe”.

26A, estudante, 16 anos

No entanto, as respostas não apontam se o equipamento de captação fotográfica ou de filmar que possuem é digital ou analógico, dificultando uma análise mais específica sobre a especificação do equipamento.

Essa característica de individualidade do dispositivo também pode ser associada pelas multifunções que os seus telemóveis possuem e por não sentirem mais a necessidade de aquisição de uma câmara fotográfica tradicional.

3.5 Outros pontos de análise

Apesar de o questionário não aprofundar questões mais específicas sobre a relação entre a imagem, os computadores e a internet, foi possível verificar alguns casos pontuais. Estes referem-se ao computador como uma espécie de “álbum digital” ou arquivo fotográfico. Um homem que trabalha como director de empresa de softwares educativos e que afirma ter uso assíduo das tecnologias afirma:

“Temos também um computador que funciona como um repositório dos conteúdos gerais, das fotografias, portando as coisas que partilhamos”.

11A, director de empresa, 35 anos

Um jovem universitário, de 22 anos, relata fazer usos frequentes de edição fotográfica a partir de ferramentas informáticas, *uploads* e *downloads* de imagens a partir da internet.

“Actualmente, eu tenho uma câmara digital que também filma e eu adoro usar, mesmo para tirar fotos, eu estou sempre actualizando os meus sites, essas coisas e, em viagens, principalmente, o hobby que eu tenho é filmar, fazer um diário da viagem toda e depois editar e colocar na internet”.

14A, Imigrante brasileiro, estudante universitário, 22 anos

Como a questão referente ao uso de equipamentos fotográficos também abrangia as câmaras de filmar, fizemos uma pequena reflexão. Poucos são os entrevistados que revelam ter. No entanto, a maioria que afirma possuir câmaras de filmar diz que estas estão acopladas como um recurso extra das máquinas fotográficas e dos telemóveis. Menos de dez comentaram ter um dispositivo de captação de vídeo com a única finalidade de filmar. Uma senhora, auxiliar de acção educativa, de 37 anos, afirma:

“Tenho máquina de fotografia digital, que dá para tirar fotografias e para filmar. Mas só de filmar, não.”

49A, auxiliar de acção educativa, 37 anos

Os membros mais adultos das famílias afirmam que possuíram, em determinada fase da vida, um equipamento de filmar. Lembram com saudosismo a sua utilização. Esta não só relacionada a ocasiões especiais, mas também a factos dos seus quotidianos:

“Fazia filmes (risos). Fazíamos montes de filmes (...) filmar as pessoas na rua (risos) e os cães e não sei quê. O meu pai tinha uma máquina de filmar quando eu era mais miúdo, não sei que idade tinha ao certo mas ele tinha. Ele ainda tem algumas coisas nossas. Ele até tem passado algumas coisas para DVD. Volta e meia a gente vê algumas coisas antigas, é engraçado”.

17A, técnico de multimédia, 31 anos

Outros fazem uma associação imediata ao recurso híbrido da sua câmara fotográfica ou a função contida no seu telemóvel.

“Nada, está guardada. Estou aqui com o telemóvel”.

22B, proprietário de um restaurante, 53 anos

Conclusões

Com as transformações impostas pelos avanços tecnológicos, é perceptível que a imagem passa a assumir um importante papel na comunicação interpessoal. Tendências e mudanças nas relações interpessoais alteram-se com o surgimento do digital na vida quotidiana das pessoas. Tentamos desta forma responder o nosso questionamento: *a fotografia promove laços familiares e de integração social?* Com o desenvolvimento da análise deste trabalho constatamos que a imagem favorece novas formas de sociabilidade, de laços familiares e sociais, já que “seria muito pouco convencional arquivar fotografias de estranhos para um álbum de família” (Frohlich, 2004: 37-38).

Se existe uma relação entre a imagem fotográfica, as recordações e lembranças das pessoas, pode-se afirmar que a memória é um referencial da condição humana e desde sempre o homem se preocupa em deixar marcas da sua existência que um dia lhe darão sentido. Assim, ao promover uma ligação entre um passado que foi registado e que se reflecte na imagem fotográfica, produz-se um efeito de referenciação de momentos que fazem parte da história de cada indivíduo, podendo despertar sentimentos. O imaginário trabalha criando uma ilusão intemporal. É como se as suas lembranças retornassem naquele momento e promovessem uma satisfação pessoal através de instantes eternizados pela imagem. Sejam esses momentos positivos ou negativos, sempre serão representados na relação de proximidade que permite às fotografias eternizá-los.

A fotografia, desta forma, passa a ser um suporte perfeito, pois carrega consigo o real retratado por ela e a credibilidade e reafirmação de que aquele momento existiu. O digital só facilita esse processo e coloca-o à disposição de uma grande parcela da sociedade.

A sociedade de consumo, regida pela generalização de uma regra de produção de objectos de consumo, impulsiona a novos hábitos e mudanças com a velocidade a que os avanços afectam os indivíduos e os grupos. A acessibilidade e funcionalidade que a telefonia móvel proporciona podem ser um indício dessa economia crescente. Neste contexto, a fotografia acompanha de perto as recentes inovações.

Sobre a questão referente aos novos dispositivos fotográficos digitais, entre eles o telemóvel, sentimos que a imagem fotográfica se insere numa realidade que já faz

parte do quotidiano de muitas sociedades. Podemos vivenciar uma nova forma de abordagem de uma cultura visual, emergente.

Rob Shields (2007) alerta que as imagens, conseguidas através dos telemóveis, devem ter um entendimento e enquadramento estético e característico, específico do aparelho a partir das suas funções de portabilidade, multifunções, hibridismo, conexão, momento e socialização, pelo olhar rápido e imediato. No entanto, não podemos descartar a relação que a fotografia, obtida pelo telefone, possui com a captada pelas câmaras, que passa pela essência e função que a imagem assume. A relação existente entre a fotografia digital captada pelo dispositivo telefónico e a memória é que ambas servem como tecnologia útil para registo e testemunhas do nosso passado.

É ainda prematuro afirmar que a fotografia passa a assumir um novo papel social com estas novas funções e dinâmicas referentes à tecnologia. No entanto, é evidente que esse processo está em fase de gestação. O seu carácter de mobilidade, portabilidade, popularização e hibridação tecnológica faz com que a imagem atravesse um processo de transformação estrutural, não apenas no seu formato estético, mas na sua função social.

Bibliografia

- BARTHES, R. (1980) *La chambre claire. Note sur la photographie*, Paris, Gallimard/Le Seuil, coll. « Les cahiers du cinéma ».
- BOURDIEU, P. (1965) “La définition sociale de la photographie”, em Pierre Bourdieu, Luc Boltanski, Robert Castel e Jean-Claude Chamboredon, *Un Art Moyen: Essai sur les Usages Sociaux de la Photographie*, Paris, Les Éditions de Minuit, pp. 31-138.
- CASTELLS, M. (2001) *The Internet Galaxy: Reflections on the Internet, Business and Society*. Oxford University Press, Oxford.
- CASTELLS, M. (2007) Fernandez-Ardèvol, M., Qiu, J., Sey, A.. *Comunicacion Movil y Sociedad*. Barcelona: Ariel.
- COMPAINE, B. (2001) *The Digital Divide: Facing a Crisis or Creating a Myth?* MIT Press, Cambridge MA.
- DUBOIS, P. (1984) *O Ato Fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1984.
- FROHLICH, D. (2004) *Audiophotography. Bringing Photos to Life with Sounds*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004.
- GOGGIN, G. (2006) *Cell phone culture: mobile technology in everyday life*. Nova York: Routledge. 2006.
- GURSTEIN, M. (2003) Effective use: A community informatics strategy beyond the Digital Divide. *In First Monday, vol. 8 (12)*. Acedido em 20 de Maio de 2010. Disponível em: <http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/1798/1678>

- JUNG, J; QIU, J.; KIM, Y. (2001) Internet Connectedness and Inequality: Beyond the "Divide". *Communication Research*, 28(4), 507-535.
- KATO, F, OKABE, D, et al. (2005) "Uses and Possibilities of the Keitai Camera". In: Okabe, Daisuke e Misa Matsuda (Ed.). *Personal, portable, pedestrian: mobile phones in Japanese life*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KOSKINEN, I. (2004) *Seeing with Mobile Images: Towards Perpetual Visual Contact*. Hungarian Academy of Sciences. Acedido em 06 de Abril de 2010. Disponível em www.fil.hu/mobil/2004/Koskinen_webversion.pdf 2004.
- LE GOFF, J. (2003) *História e memória*. 5.ed. Campinas: Ed. UNICAMP.
- LEITE, M.M. (2000) *Retratos de Família*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- LING, R. (2004) *The Mobile Connection: The Cell Phone's Impact on Society*. EUA: Morgan Kaufmann Publishers.
- LINS DE BARROS, M. M. (1989) *Memória e família*. Estudos Históricos, n.3, v.2. p. 29-42. Rio de Janeiro. Vértice.
- OKABE, D. (2004) "Emergent Social Practices, Situations and Relations through Everyday Camera Phone Use". Seul, Korea, 18-19 Outubro. Acedido em 6 de Abril de 2010. Disponível em www.itofisher.com/mito/archives/okabe_seoul.pdf.
- POLLACK, M. (1992) Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212.
- RIVIÈRE, C. A. (2006) Téléphone mobile et photographie : les nouvelles formes de sociabilités visuelles au quotidien », *Sociétés* 1/2006 (n o 91), p. 119-134.
- RIVIÈRE, C. A. (2005) "Mobile camera phones: a new form of "being together" in daily interpersonal communication". In: Ling, Richard Seyler e Per E. Pedersen (Ed.). *Mobile communications: renegotiation of the social sphere*. Londres: Springer.
- ROUCHY, P. (2005) "Instant Messaging and Presence Services: Mobile Future, CSCW and Ethnography". In: Hamill, Lynne e Amparo Lasen (Ed.). *Mobile world: past, present, and future*. Nova York. Springer.
- SCIFO, B. (2005) "The Domestication of Camera-Phone and MMS Communication. The Early Experiences of Young Italians". In: Nyíri, Kristóf (Ed.). *A sense of place: The global and the local in mobile communication*. Viena: Passagen Verlag.
- SELWYN, N. (2006) "The digital divide in the twenty-first century", *Poetics*, 34 - 273-292, *Digital division or digital decision? A study of non-users and low-users of computers*.
- SHIELDS, R. (2007), *Mobile Phone Imaging as Gesture and Momento*. Mobile Nation Conference. Acedido em 06 de Abril de 2010.

Disponível em www.mobilenation.ca/sprshields.html 2007.

SHIELDS, R. (2003) *The Virtual*. Londres/Nova York: Routledge.

STROVER, S. (2003) “Remapping the digital divide.” *The Information Society* 19, 275–277.

TOWNSEND, A. (2004) *Web belongs to us: how we can shut out spam and join the cyber social club*. The Independent on Sunday – Business Section, 4th April, 2004.

TURAZZI, M. I. (1995) *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)*. Rio de Janeiro: Rocco.

VAN HOUSE, N., DAVIS, M., AMES, M., FINN, M. & VISWANATHAN, V. (2005) ‘The Uses of Personal Networked Digital Imaging: An Empirical Study of Cameraphone Photos and Sharing’, em *Extended Abstracts of the Conference on Human Factors in Computing Systems*, Portland, Oregon, entre 2 e 7 de Abril de 2005. New York: ACM Press.